



SOBRE ESTEREÓTIPOS E POSSIBILIDADES DECOLONIZADORAS NOS TERRITÓRIOS DIGITAIS - AS TICs E A LEI 11.645/2008.

Josélia Gomes Neves

Universidade Federal de Rondônia
joseliagomesneves@gmail.com

Carolina Patihweipay Suruí

Universidade Federal de Rondônia
patihweipay@gmail.com

Merekubar Surui

Universidade Federal de Rondônia
thallissurui@gmail.com
GT TICs nas Aldeias

RESUMO – O surgimento do ciberespaço produziu novos encontros entre os Povos Indígenas e não indígenas. Nestes contextos, situações de preconceitos e discriminações observados em outras práticas sociais têm se materializado também nos territórios digitais. Essas considerações mobilizaram a inserção da Lei 11.645/2008 - normativa que tornou obrigatório o estudo da História e culturas indígenas no currículo escolar – como tema de estudo na educação superior. Assim, o presente texto trata de compartilhar uma experiência vivenciada na disciplina TICs no Ensino Fundamental – anos iniciais no 2º semestre de 2021 na etapa remota por meio da pesquisa bibliográfica e a pesquisa documental. Os resultados apontam que a docência não indígena tem buscado materiais na internet a respeito da temática indígena. No entanto, muitas destas atividades retratam os Povos Indígenas em perspectivas estereotipadas, como culturas congeladas no tempo. Mas, há algumas propostas que se aproximam mais das realidades indígenas e da Lei 11.645/2008. Concluimos que é importante os estudantes indígenas conhecerem a referida lei, bem como as atividades estereotipadas e as alternativas decoloniais como mecanismo de defesa e fortalecimento de suas Histórias e culturas originárias.

PALAVRAS-CHAVE: Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC). Lei 11.645/2008. Estereótipos. Conhecimento decolonial.

INTRODUÇÃO

Os estudos apontam que há reedições do contato entre Povos Indígenas e Não indígenas no âmbito dos territórios digitais. Como nas experiências anteriores, alguns destes encontros têm sido

marcados também por tensões e conflitos, momento em que se percebe a veiculação de estereótipos. Em função disso, a Lei 11.645/2008 que tornou obrigatório o estudo da História e culturas indígenas no ambiente escolar foi inserida como conteúdo na disciplina TICs no Ensino Fundamental – anos iniciais na Turma E-Gestão no segundo semestre de 2021.

O objetivo deste texto é compartilhar uma experiência vivenciada na disciplina TICs no Ensino Fundamental – anos iniciais na Turma E-Gestão no segundo semestre de 2021 no âmbito da etapa remota envolvendo esta temática. Apresentaremos a análise de 4 (quatro) atividades baixadas da internet e que são trabalhadas nas escolas urbanas por ocasião do ‘dia do índio’, sendo duas consideradas estereotipadas e duas consideradas construtivas, de caráter decolonial.

Os recursos metodológicos adotados envolveram a pesquisa bibliográfica e a pesquisa documental (GIL, 2008). Assim além das leituras de Ribeiro (1995), Neves (2016), Walsh (2009) consideramos a Lei 11.645 (BRASIL, 2008) recorremos aos materiais escolares disponibilizados pela internet.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A experiência que compartilhamos neste texto resultou do trabalho realizado por meio do componente curricular TICs no Ensino Fundamental – anos iniciais na Turma E-Gestão em novembro de 2021 por ocasião da etapa remota. Na oportunidade, após o debate do texto de Neves (2016) propomos como atividade de aula assíncrona – etapa complementar viabilizada por meio de grupos de WhatsApp, local de postagem das tarefas, a localização de duas atividades de sala de aula sobre Povos Indígenas na internet. Uma delas representando o modelo estereotipado, que percebe os Povos Indígenas ainda no tempo de Cabral e outra em uma perspectiva construtiva, com elementos mais próximos das realidades indígenas acompanhado de análises correspondentes.

1. Atividades estereotipadas sobre Povos Indígenas

Pra compreender o significado da palavra estereótipo recorremos as leituras da escritora nigeriana Chimamanda, para ela: “A história única cria estereótipos, e o problema com os estereótipos não é que sejam mentira, mas que são incompletos. Eles fazem com que uma história se torne a única história”. (ADICHIE, 2019, p. 15).


A primeira imagem ‘o Povo Indígena’ apresenta uma atividade para ser desenvolvida na alfabetização por meio de preenchimento de lacunas apoiadas em imagens. Esta proposta didática


é considerada estereotipada porque retrata os indígenas como pessoas que vivem ainda nus, com cocar na cabeça, arco e flecha na mão, que moram numa oca e usam o transporte através da canoa. Nas escolas não indígenas os alunos e alunas podem aprender a ter essa imagem única sobre o “índio”. Deste modo o que fica é que os indígenas só vivem na floresta e que quem se afasta desta imagem não é indígena, pois usa roupas, bonés, óculos, relógio e anda de carro.


Figura 1 – Atividades do “Dia do Índio”.


O POVO INDÍGENA



BLOG ALFABETIZAÇÃO DIVERTIDA - PROFª. DANIELA G. OLIVEIRA


O DIA DO  _____ É COMEMORADO EM 19 DE ABRIL.


A CASA DOS ÍNDIOS É A  _____.

ELES VIVEM REUNIDOS EM UMA COMUNIDADE CHAMADA  _____.

QUE É LIDERADA PELO  _____.

PARA CAÇAR, USAM O  _____ E A  _____.

SEU MEIO DE TRANSPORTE É A  _____.

GOSTAM DE SE ENFEITAR USANDO O  _____ E PINTANDO O CORPO.

ELES AMAM A NATUREZA E NELA TUDO É RESPEITADO E CONSERVADO.

OS POVOS INDÍGENAS FORAM OS PRIMEIROS HABITANTES DO BRASIL E CONTRIBUÍRAM MUITO PARA A FORMAÇÃO DA CULTURA BRASILEIRA.

JOGOS CORPORAIS

PASSEIO NA FLORESTA

O professor leva a turma para o pátio, criando situações para as crianças imitarem o índio na floresta, caçando, entrando no rio, dançando a dança da chuva, etc.

O professor deve ajudar a criança com movimentos corporais a imitar essas situações.

Exemplo: pedir para a criança deitar de barriga para baixo, fazendo movimentos de braços e pernas como se estivesse nadando.

DANÇA DA CHUVA

Fazer uma roda, onde as crianças devem pular e dançar em círculos, fazendo com a boca o barulho uh...uh...uh...

O professor, com criatividade baseada nestes exemplos, pode criar várias situações, como caçar, subir em árvores, etc.

ÍNDIO VIVO/ ÍNDIO MORTO

O professor no pátio demonstra a brincadeira para as crianças.

Quando o professor der a ordem **VIVO**, as crianças devem estar de pé; **MORTO**, as crianças devem abaixar-se.

O professor vai dando a ordem aumentando a intensidade do movimento, ficando cada vez mais rápido.

Perde quem errar o movimento quando o professor der a ordem. E vai saindo do jogo.


CORRIDA DE ÍNDIO NO SACO

De que vamos precisar:

- sacos de linhagem grande, pintura
- o cocar que já deve ter sido feito pela criança anteriormente.
- caracterizar as crianças com pintura e colocar o cocar na cabeça.

Desenvolvimento:

As crianças escolhidas devem entrar no saco alinhadas uma do lado da outra. O professor apita e as crianças devem pular dentro do saco até a linha marcada. A criança que chegar primeiro ganha a corrida e o cocar.



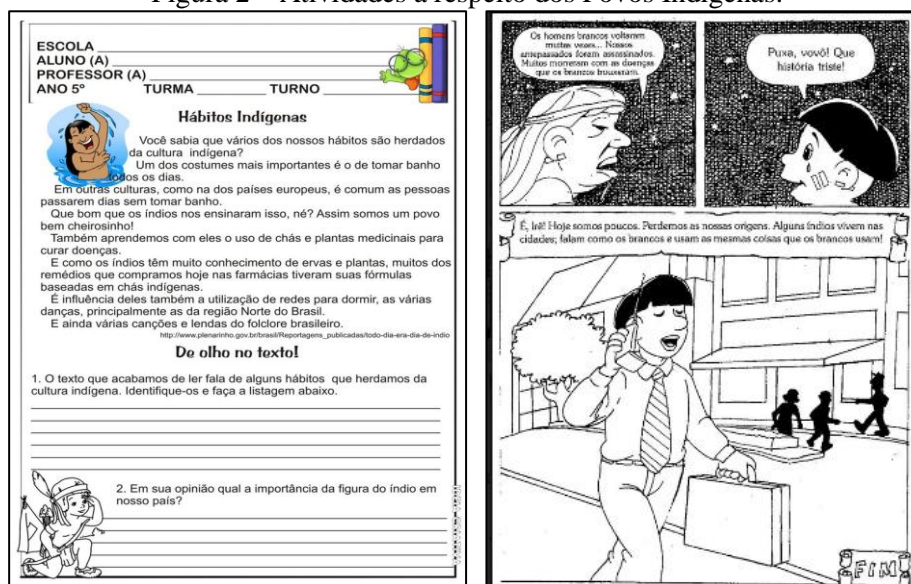
Fonte: Internet

Já a 2ª imagem, “Jogos Corporais” trata de uma proposta que envolve 4 (quatro) atividades relacionadas a movimentos, possivelmente pensada para os anos iniciais do Ensino Fundamental. A análise permite afirmar que se trata de uma atividade estereotipada por várias razões: primeira, nem todos os povos Indígenas fazem o ritual da “Dança da chuva”, talvez esta prática seja realizada por povos indígenas que vivem em regiões mais secas. Outra questão observada neste tipo de atividade é que ela ensina que todo indígena é igual, que todo indígena usa pena na cabeça, que tem franja e somente vive na mata caçando e festejando, ou seja, mostra a representação indígena do tempo de 1500.

1. Atividades sobre Povos Indígenas em perspectiva decolonial

Mas, neste processo de busca por informações na internet e que são trabalhadas nas escolas não indígenas, verificamos que há propostas que mostram aspectos mais próximos da atual realidade dos Povos Indígenas. A nosso ver, são atividades construtivas de caráter decolonial. Compreendemos as práticas decoloniais como possibilidades pedagógicas “[...] orientadas ao questionamento, transformação, intervenção, ação e criação de condições radicalmente distintas de sociedade, humanidade, conhecimento e vida; [...]”. (WALSH, 2009, p. 14).

Figura 2 – Atividades a respeito dos Povos Indígenas.



Fonte: Internet

Embora estas atividades ainda veiculem imagens pouco apropriadas, observamos que disponibilizam elementos que sugerem uma transição conforme a discussão que segue. A primeira imagem “Hábitos Indígenas”, apresenta um conjunto de costumes indígenas que incorporamos em nossas rotinas, como o banho, as plantas medicinais que desencadearam múltiplos medicamentos, confirmando que: “[...] a dívida que a humanidade contraiu com o saber etnobotânico do primitivo habitante das Américas está longe de ser resgatada. As principais plantas de que se alimenta, ou que utiliza industrialmente, [...] foram descobertas e domesticadas pelos ameríndios.” (RIBEIRO, 1995, p. 199).

Assim, é uma atividade que pode ser trabalhada na sala de aula, por que fala dos hábitos indígenas, como tomar banho todos os dias, uso de chá e plantas medicinais para curar doenças,

influência de dormir na rede, várias danças que são praticadas na região Norte do Brasil, e várias canções e lendas do folclore brasileiro. E no final dos textos tem questões interessantes para alunos refletirem e responderem. Eles podem reconhecer que muitas coisas foram herdadas das culturas indígenas e percebam que o nosso país é formado por culturas diferentes, uma mistura de vários povos.

A segunda imagem, apresenta dois momentos: inicialmente trata de um diálogo entre um ancião e um menino. O avô está contando a história de seu povo para o neto, dizendo como que a chegada dos não indígenas em seus territórios trouxe graves consequências como os conflitos de assassinatos e doenças. No segundo quadrinho há uma representação de indígena atual com celular, camisa longa, gravata, maleta, ele está na cidade se comunicando com um parente que está longe ou na aldeia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentamos neste texto o relato de uma experiência vivenciada na disciplina TICs no Ensino Fundamental – anos iniciais na Turma E-Gestão no segundo semestre de 2021 no âmbito da etapa remota. Os procedimentos metodológicos envolveram a pesquisa bibliográfica por meio do texto “Internet, pra que te quero? Evidências de preconceito e discriminação contra indígenas nas redes sociais no Brasil e em Ji-Paraná-RO” (NEVES, 2016), bem como da Lei 11.645 (BRASIL, 2008). Foi necessário também a utilização da pesquisa documental (GIL, 2008) mediante a localização de 4 (quatro) atividades escolares baixadas da internet.

Observamos que a docência não indígena tem buscado este tipo de atividade na internet para trabalhar a temática indígena na escola. No entanto, a pouca formação sobre o assunto aliada a uma seleção pouco criteriosa das atividades leva a uma situação pedagógica estereotipada. Assim, acabam por desenvolver propostas na sala de aula que retratam os povos indígenas como grupos sociais parados no tempo. E verificamos que há também, em um volume menor, algumas propostas mais próximas dos contextos indígenas e da Lei 11.645/2008, propostas que podem propiciar um ambiente de interculturalidade na escola.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Para educar crianças feministas**: um manifesto. São Paulo: Companhia das Letras 2017.

BRASIL. Lei 11.645/2008. Altera a Lei nº 9.394/1996. Inclui no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena. Brasília,

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

NEVES, Josélia Gomes. Internet, pra que te quero? Evidências de preconceito e discriminação contra indígenas nas redes sociais no Brasil e em Ji-Paraná-RO. **Anais IX Seminário de Educação**. Universidade Federal de Rondônia – Campus de Ji-Paraná, 24 a 26 de agosto de 2016.

RIBEIRO, Berta G. **A contribuição dos Povos Indígenas a cultura brasileira**. In: LOPES DA SILVA, Aracy; GRUPIONI, Luís Donizete Benzi. (orgs.). A temática indígena na escola: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus. Brasília/MEC, 1995.

WALSH, Catherine. Interculturalidade crítica e pedagogia decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver. In. CANDAU, Vera Maria (Org.). Educação intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.